

Serviços

*Juarez Meneghetti**

*Maria Conceição Sá e Sousa Schettert**

A economia gaúcha como um todo e o setor serviços vêm demonstrando, nos dois últimos anos, um desempenho sistematicamente inferior ao do Brasil, que pode ser explicado, em grande parte, pela queda mais acentuada da economia gaúcha em relação à economia brasileira e também pelo fato de esse setor ser reflexo da "performance" dos setores produtivos.

O crescimento do setor serviços no Rio Grande do Sul, neste ano, comparativamente a 1987, acusou pequena variação positiva de 0,3%, conforme Tabela 4. Entretanto esse modesto desempenho positivo tem por base comparativa o comportamento do setor no ano passado, em que a taxa foi negativa. Portanto, apesar da pequena recuperação ocorrida em 1988, o quadro geral é de crise, principalmente se se comparar a taxa de crescimento do setor com a taxa de crescimento da população no Estado, que foi de 1,41%.

* Economista da FEE.

¹⁰ Principalmente carne bovina congelada e peixe congelado.

¹¹ Como efeito indireto é referido o processo pelo qual produtos do Rio Grande do Sul são insumos de produtos de outros estados, os quais, por sua vez, são exportados. Esse deve ser o caso dos gêneros borracha e material de transporte.

Contudo, como o peso dos serviços é significativo no produto regional — mais de 55% conforme a Tabela 5, onde aparece a estrutura do produto —, pode-se dizer que o setor serviços impediu que a queda generalizada da economia gaúcha, neste ano, fosse mais acentuada.

Tabela 4

Taxas de crescimento do PIB total, do setor serviços e do subsetor comércio no Brasil e no Rio Grande do Sul — 1987-88

ESPECIFICAÇÃO	(%)			
	1987		1988 (1)	
	RS	BR	RS	BR
PIB total	0,95	2,91	-1,85	0,04
PIB dos serviços	-3,79	2,75	0,32	1,69
PIB do comércio	-19,24	1,98	-10,71	-2,54

FORNTE: FEE/CMQ/NCS.
IBGE.

(1) Estimativas preliminares.

Tabela 5

Estrutura do PIBcf setorial, a preços correntes,
do Rio Grande do Sul — 1987-88

SETORES	(%)	
	1987	1988 (1)
Agricultura	11,34	10,12
Indústria	33,19	33,14
Serviços	55,47	56,74

FORNTE: FEE/CMQ/NCS.

(1) Estimativas preliminares.

Além da participação expressiva no PIB regional, o setor serviços tem se caracterizado cada vez mais como absorvedor de mão-de-obra da economia. Segundo pesquisa do Ministério do Trabalho (GM, 24/26.12.88, p. 3), os indicadores negativos das atividades produtivas, este ano, não tiveram como contrapartida um aumento na taxa de desemprego, fato este explicado pela absorção de trabalhadores pelo setor serviços e pelo crescimento da economia informal, aquela que trabalha sem as formalidades institucionalizadas (carteira de trabalho assinada, notas fiscais, recolhimento de impostos, etc.).

Dentre os diversos subsetores que compõem os serviços, obtiveram-se estimativas específicas para o comércio, como tradicionalmente ocorria, e também, neste ano, para os subsetores aluguéis e comunicações, conforme Tabela 6. Ainda que entre esses segmentos apenas o comércio tenha peso mais significativo no setor serviços — juntos os três subsetores perfazem cerca de 38% do setor —, a discriminação do cálculo para mais segmentos além do comércio pode ser considerada uma evolução metodológica e um primeiro passo para uma maior abertura.

O comércio, embora venha perdendo participação, responde sozinho por cerca de 26% do setor serviços em 1988, como pode ser observado na Tabela 7.

Conforme referência anterior, esse segmento, em consonância com a taxa negativa do comércio nacional, sofreu queda de mais de 10% em relação ao ano passado, que, por sua vez, já vinha apresentando taxa negativa. O ritmo de crescimento desse segmento vem sendo menor que o do crescimento do setor serviços e da economia, o que implicou que o índice do produto do comércio gaúcho neste ano tenha ficado abaixo do nível de 1975, ano-base para o cálculo dos valores reais.

Tabela 6

Taxas de crescimento e índices do produto real do PIBcf do setor serviços do Rio Grande do Sul — 1987-88

SUBSETORES	1987		1988 (1)	
	Taxas de Crescimento (%)	Índices do Produto Real (base:1975=100)	Taxas de Crescimento (%)	Índices do Produto Real (base:1975=100)
Comércio	-19,2	109,15	-10,7	97,46
Aluguéis	4,1	211,22	2,6	216,71
Comunicações	6,1	737,13	8,3	798,31
Demais subsetores (2) ..	0,7	266,70	3,2	275,23
Total do setor serviços	-3,8	202,05	0,3	202,66

FONTE: FEE/CMQ/MCS.

(1) Estimativas preliminares: aluguéis com base em informações até ago./88; comércio com base em informações até nov./88; e comunicações com base em informações até set./88; (2) Compreende: transportes, intermediários financeiros, governo e outros serviços.

Tabela 7

Estrutura nominal do PIB do setor serviços e participação percentual, por subsetores, no PIBcf total do Rio Grande do Sul — 1987-88

SUBSETORES	PARTICIPAÇÃO NO PIB SETORIAL		PARTICIPAÇÃO NO PIB TOTAL	
	1987	1988 (1)	1987	1988 (1)
	Comércio	29,02	25,95	16,10
Demais subsetores	70,98	74,05	39,38	42,02
Total do setor serviços	100,00	100,00	55,48	56,74

FONTE: FEE/CMQ/NCS.

(1) Estimativas preliminares.

Estando o comércio muito atrelado ao setor produtivo, o qual foi negativo, e também tendo relação direta com o baixo poder aquisitivo da população e com os altos juros praticados no financiamento ao consumo, evidentemente que a "performance" do mesmo nestes últimos anos tinha que refletir essa realidade adversa.

Caberia a ressalva de que, sobre o desempenho do comércio em 1988, tem-se gerado polêmica entre dirigentes representativos da categoria. Há opiniões de que o setor teve alguma recuperação real neste ano. Isso poderia ser explicado por duas razões: uma de natureza técnica e outra na órbita do mercado. Primeiro, quando se trabalha com valores constantes (por hipótese, vendas), é necessário acuidade na escolha dos deflatores, pois no confronto da escolha de índices de preços, específicos ou gerais, pode-se chegar a conclusões opostas. Em segundo lugar, alguns ramos do comércio, especialmente aqueles voltados ao consumo de luxo (por exemplo, automóveis novos), tiveram bom nível de vendas.

A explicação para este último fato não se limita ao aumento do consumo das camadas de mais alta renda. Em 1988, com as expectativas de uma hiperinflação, entre outras causas econômicas e políticas, foi desencadeado um movimento especulativo do dinheiro da esfera financeira para os bens reais. Esse deslocamento de capital não foi total, mas foi expressivo e com a característica de que os recursos não se direcionaram apenas para os costumeiros haveres reais — imóveis, terrenos e metais —, mas também procuraram como reserva de valor os bens de luxo com preço unitário muito elevado. Isso se refletiu em ramos isolados do comércio interno, mas não foi suficiente para melhorar o desempenho do mesmo como um todo.